

FACULDADE SÃO LOURENÇO – UNISEPE

OLIVER ALVERNAZ RODRIGUES

O BRINCAR NA PSICANÁLISE WINNICOTTIANA

São Lourenço - MG

2022

OLIVER ALVERNAZ RODRIGUES

O BRINCAR NA PSICANÁLISE WINNICOTTIANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de São Lourenço – UNISEPE como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Silva de Souza

São Lourenço - MG

2022

O BRINCAR NA PSICANÁLISE WINNICOTTIANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado da Faculdade de São Lourenço – UNISEPE como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Roberto Silva de Souza
Mestre e Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor do curso de Psicologia da Faculdade de São Lourenço.

Prof. Me. Flavia Luciano Santos

Prof. Rodolfo

São Lourenço, ____ de _____ de 2022.

O BRINCAR NA PSICANÁLISE WINICOTTIANA

Oliver Alvernaz Rodrigues¹

Dr. Roberto Silva de Souza²

RESUMO

O ato de brincar foi um dos objetos de interesse da psicanálise desde o início, tendo Freud utilizado a observação do brincar de uma criança para exemplificar, na prática, o seu conceito de “princípio da realidade”. Winnicott, dedicou grande parte de seu trabalho ao tema da infância e, como não poderia deixar de ser, sob influência da psicanálise kleiniana, estabeleceu uma relação importante entre o ato de brincar e a construção da realidade, além da criatividade e da construção da identidade. Assim, este trabalho teve como objetivo apresentar a importância dos estudos de Winnicott sobre o tema do brincar no desenvolvimento psíquico saudável da criança. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica que teve como foco a vida e a obra do autor, assim como o desenvolvimento de alguns conceitos relacionados ao ato de brincar, as relações objetais e sua utilização como instrumento de manejo clínico na obra do autor. O resultado deste levantamento constatou a importância da influência da obra do autor em diversas outras áreas de atuação, sendo utilizada como embasamento teórico nas práticas que lidam com o desenvolvimento físico e psicossocial da criança.

Palavras-chave: Winnicott, Psicanálise Infantil, Importância do Brincar.

ABSTRACT

The act of playing has been one of the objects of interest in psychoanalysis since the beginning, and Freud used the observation of a child's play to exemplify, in practice, his concept of the “principle of reality”. Winnicott, dedicated a large part of his work to the theme of childhood and, under the influence of Kleinian psychoanalysis, established an important relationship between the act of playing and the construction of reality, in addition to creativity and the construction of identity. Thus, this work aimed to present the importance of Winnicott's studies on the theme of playing in the healthy psychic development of children. This is a literature review that focused on the author's life and work, as well as the development of some concepts related to the act of playing, object relations and its use as an instrument of clinical management in the author's work. The result of this survey verified the importance of the influence of the author's work in several other areas of activity, being used as a theoretical basis in the practices that deal with the physical and psychosocial development of the child.

Keywords: Winnicott, Child Psychoanalysis, Importance of Play

¹ Graduando do curso de Psicologia – Faculdade São Lourenço – São Lourenço / MG.

² Orientador. Mestre e Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor do curso de Psicologia da Faculdade de São Lourenço.

1. INTRODUÇÃO

A palavra “lúdico” serve para qualificar o que é relativo ao jogo, à diversão. Essa palavra é usada em particular quando se refere a atividades de entretenimento de crianças. Por definição, um jogo é uma atividade de diversão; então, referir-se ao jogo como lúdico constitui um pleonasmo (SIQUEIRA et al., 2012). A palavra também é utilizada no campo da pedagogia e da aprendizagem, pois o aspecto do ensino a partir de atividades lúdicas conferem um lado agradável, atraente e fortalece o interesse dos alunos.

Os estudos de Baterson e Martins (2013), apontam que na natureza, o jogo e as atividades lúdicas quase sempre ocorrem como expressão livre de tendências instintivas, sem qualquer controle de eficácia pragmática, ao contrário do jogo cuja motivação é uma ação efetiva sobre a realidade. Os autores também enfatizam a importância das atividades lúdicas no desenvolvimento e evolução das espécies como anteriores ao papel que ela exerce na criatividade, lançando luzes sobre as ligações entre a criatividade e inovação.

Saindo do campo da biologia e buscando abordar o tema da ludicidade a partir de suas implicações no psiquismo humano, este estudo elegeu a psicanálise, sobretudo a winnicottiana, como ponto de referência para os estudos referentes ao brincar e suas ligações com a estruturação psíquica das crianças.

De acordo com Chemama (1995), Winnicott foi um pediatra e psicanalista britânico, membro e presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise de 1956 a 1959 e de 1965 a 1968. Seu trabalho se popularizou entre especialistas, psiquiatras, psicólogos, pediatras e educadores em geral, tornando-se uma referência para todos aqueles que desejam aprofundar seus conhecimentos sobre a psique infantil e as relações entre o bebê e sua mãe.

Além de uma entusiástica dupla prática clínica de sua profissão como pediatra e psicanalista, testemunhada em numerosos trabalhos, Winnicott também se destacou por importantes descobertas como o espaço transicional: espaço potencial, paradoxal nem interior nem exterior, situado entre o bebê e sua mãe, onde a criança desenvolveria, na área lúdica e criativa, a possibilidade de estabelecer experiências fundamentais para seu amadurecimento psíquico (LEJARRAGA, 2012).

Dessa forma, o presente estudo estabeleceu como **objetivo principal** a compreensão e a importância dos estudos de Winnicott acerca dos aspectos envolvidos no brincar para o desenvolvimento psíquico saudável da criança. Para isso, estabeleceu-se os seguintes **objetivos específicos**:

1. Analisar a influência de outros autores na clínica psicanalítica voltada para as crianças na obra de Winnicott;
2. Identificar as relações entre o ato de brincar e as relações objetivas estabelecidas na clínica winnicottiana;
3. Identificar o manejo necessário no atendimento psicanalítico de crianças através do uso de instrumentos lúdicos.

Para alcançar os objetivos propostos, esse estudo elegeu como metodologia a pesquisa bibliográfica, qualitativa e descritiva. Utilizou-se da literatura impressa sobre a temática, bem como de artigos científicos nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico. Foram incluídos os estudos que abordavam diretamente a relação entre o brincar e a teoria winnicottiana.

O presente estudo torna-se relevante na medida em busca contribuir para o aumento e enriquecimento dos conhecimentos sobre o tema, visando organizar, de forma estruturada e coesa, diversos materiais sobre o tema, além de agregar reflexões mais recentes sobre o tema no meio acadêmico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Uma Breve Biografia de Winnicott

Donald Woods Winnicott nasceu em Plymouth, Inglaterra, em 1896 e faleceu em Londres, em 1971. Filho caçula (tinha mais duas irmãs), viveu num lar afetivo e economicamente bem estruturado, demonstrando desde cedo sua criatividade e inclinações artísticas, tendo se destacado como um atleta universitário de sólida formação erudita. Pediatra e psicanalista, trabalhou durante 40 anos no Paddington Green Childrens Hospital, tendo tratado com sucesso mais de 60 mil casos. No mesmo ano em que se formou em medicina (1923), iniciou a sua análise pessoal com J. Strachey. Em 1933, iniciou sua análise didática com Joan Rivière – integrante

do grupo kleiniano –, análise que durou até 1938, tendo tido a supervisão da própria Melanie Klein durante anos (WINNICOTT, 1975).

Nesse período, já evidenciava sua preocupação com os aspectos emocionais dos seus pequenos pacientes na interação com as respectivas mães. Prova disso é que foi então que Winnicott criou os conhecidos jogos da espátula e do rabisco (squiggle), que ele praticava com as crianças. (ZIMERMAN, 2008, p. 434)

Em 1956, foi eleito presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise, a qual presidiu por 4 anos. Posteriormente, voltou a presidi-la de 1965 a 1968. (CHEMAMA, 1995; ZIMERMAN, 2008)

Para Zimerman (2008), Winnicott foi uma das maiores figuras da psicanálise de todos os tempos, tendo sido o precursor da psicanálise de crianças na Grã-Bretanha, antes da chegada de M. Klein, “numa época em que praticamente só terapeutas mulheres dedicavam-se ao tratamento com crianças” (ZIMERMAN, 2008, p. 434), sendo descrito por seus pacientes posteriormente após a sua morte como um profissional completamente apaixonado pela infância e dedicado aos seus pacientes.

Suas maiores fontes de inspiração foram Freud, Melanie Klein e Darwin, “cuja teoria da seleção natural induziu-o à concepção de que um bebê depende fundamentalmente de um ambiente facilitador para sua sobrevivência e estruturação psíquica. (ZIMERMAN, 2008)

Os seus estudos sobre a relação entre o brincar e a realidade – tema que interessa a esta pesquisa particularmente – surge em 1971, no qual, segundo Zimerman (2008), destaca-se o artigo “O papel de espelho da mãe e da família”, onde o autor desenvolve suas teorias acerca do olhar materno na estruturação ou desestruturação do self do bebê.

[...] a qualidade de um ambiente suficientemente bom, Winnicott observa que os elementos agressivos e os elementos libidinais nem sempre se fundem, donde a ideia de uma agressividade que antecede a integração do eu, integração que torna possível a cólera diante de uma frustração instintiva e que faz com que a experiência erótica seja uma experiência vivenciada. A tese de Winnicott é que a impulsividade e a agressividade levam a criança a procurar um objeto externo. (CHEMAMA, 1995, p. 224)

Um dos principais conceitos criados por Winnicott foi a de objeto transicional, um conceito desenvolvido para indicar uma relação particular estabelecida pela criança a partir de um objeto – sua primeira possessão – situado em determinado lugar “nem fora, nem dentro”, mas no limite entre o dentro e o fora. O objeto é,

assim, criado, e não encontrado, conceito que difere daquele desenvolvido por Freud, em Além do Princípio do Prazer.

[...] todos esses sons, esses objetos que não fazem parte do corpo da criança e que, no entanto, ela não reconhece como fazendo parte da realidade externa. Pensar e fantasiar podem estar relacionados com essas experiências. A origem do simbolismo poderia, segundo Winnicott, estar no caminho que passa do subjetivo para o objetivo, que traduz o objeto transicional. Esses objetos e esses fenômenos pertencem ao domínio da ilusão, possibilidade ulterior das artes, do religioso, da vida imaginativa e das criações. Ele defende essas teses em O brincar e a realidade. (CHEMAMA, 1995, p. 224)

Chemama (1995) sustenta que, para Winnicott, após o desenvolvimento da criança, ela irá dispor de três modos de comunicação: o primeiro, um self central que nunca deixará de ser silencioso, que não se comunica e é inacessível ao princípio da realidade; outro explícito, indireto e que utiliza a linguagem e; um último, intermediário, que passa do brinquedo para a vida cultural.

Winnicott morreu subitamente aos 74 anos de idade, em 1971, sem deixar filhos, após lidar com problemas cardíacos por cerca de 30 anos. O seu legado, entretanto, se perpetua na admiração de seus seguidores.

2.2. As Relações entre o Ato de Brincar e a Concepção de Realidade: De Freud a Winnicott

Freud (1920) alerta que, a despeito de existir no psiquismo humano uma tendência a buscar manter a quantidade de excitação presente tão baixa quanto possível, ou pelo menos, mantê-la constante – “princípio da constância” –, e que esta diminuição da excitação é sentida pelo organismo como prazer, também ocorre, sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o que o autor irá denominar de “princípio da realidade”. Este último, embora não abandone inteiramente a tendência de obtenção de prazer, consegue efetuar um adiamento da satisfação, tolerando temporariamente um certo grau de excitação – sentido como desprazer –, a fim de alcançá-la tão logo seja possível.

Enquanto Freud observava certa criança brincando solitariamente, pôde perceber claramente este modelo do mecanismo do aparelho mental em funcionamento: A criança – que segundo alguns biógrafos de Freud tratava-se de seu próprio neto – brincava de forma enigmática em seu berço, emitindo alguns sons

que eram repetidos após lançar para longe de si um carretel amarrado a um barbante, resgatando-o e repetindo novamente toda a atividade. É necessário esclarecer que à idade de um ano e meio, a criança ainda não sabia articular palavras compreensíveis, mas apenas emitir sons que, por vezes, eram interpretados pelos pais e pelas pessoas que cuidavam dela. Neste episódio, que ficou conhecido no meio psicanalítico como o jogo do “fort da” (os sons que a criança emitia ao brincar com o carretel), Freud conseguiu demonstrar sua teoria do “princípio da realidade” na prática, estabelecendo a relação entre o ato de brincar e a concepção da realidade.

A criança era considerada um “bom menino”, obediente e aparentemente suportava bem a ausência de sua mãe por algumas horas, ainda que fosse extremamente ligado a ela. Em certa ocasião, Freud, observou que ele tinha o hábito de atirar objetos para longe de si, e sempre que o fazia, emitia um som prolongado da letra “o”. Tanto Freud quanto a própria mãe da criança interpretaram este som como um representante da palavra alemã “fort”. Freud percebeu então que ao lançar os objetos para longe, o que a criança de fato realizava era um jogo mental onde ele brincava de “ir embora” com eles. Em outra ocasião, observou que o menino brincava com um carretel de madeira preso a um cordão, atirando-o para longe de si pela borda de seu berço, de forma que ele desaparecia de sua vista, enquanto o garotinho emitia o fonema “óóóó,” retornando posteriormente e sendo saudado pelo garotinho com o alegre fonema “da”. A brincadeira consistia, assim, no desaparecimento e no retorno do objeto, interpretado por Freud como uma representação da ausência da mãe e do seu retorno. (FREUD, 1920)

A interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia instintual (isto é, a renúncia à satisfação instintual) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontravam a seu alcance. É naturalmente indiferente, do ponto de vista de ajuizar a natureza efetiva do jogo, saber se a própria criança o inventara ou o tirara de alguma sugestão externa. Nosso interesse se dirige para outro ponto. A criança não pode ter sentido a partida da mãe como algo agradável ou mesmo indiferente. Como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio de prazer? Talvez se possa responder que a partida dela tinha de ser encenada como preliminar necessária a seu alegre retorno, e que neste último residia o verdadeiro propósito do jogo. Mas contra isso deve-se levar em conta o fato observado de o primeiro ato, o da partida, ser encenado como um jogo em si mesmo, e com muito mais frequência do que o episódio na íntegra, com seu final agradável. (FREUD, 1976, p. 27)

Partindo deste pressuposto freudiano de que as crianças se utilizam do lúdico para reproduzirem e ressignificarem suas experiências desagradáveis, Winnicott transporta para a própria experiência psicoterapêutica a questão do brincar, sustentando que a psicoterapia é, sobretudo, uma circunstância onde paciente e terapeuta “brincam juntos”, cabendo ao terapeuta a tarefa de levar o paciente de um lugar onde o brincar está ausente à possibilidade de introduzi-lo neste lugar privilegiado de sua infância.

Winnicott (1975) postula a existência de um espaço entre a mãe e o bebê, espaço este que varia de acordo com as experiências internas e externas que o bebê estabelece com a realidade. Para o autor, a brincadeira e o ato de brincar é universal e por si mesma uma terapia, sinônimo de saúde. Assim, estabelecer um espaço em que as crianças possam brincar já constitui uma atitude terapêutica por si mesma, um recurso que promove o estabelecimento de uma atitude positiva das crianças com a realidade, na medida em que, ao ser transportado para o lado social, o brincar compartilhado, favorece os relacionamentos e experiências culturais.

[...] o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. O natural é o brincar, e o fenômeno altamente aperfeiçoado do século XX é a psicanálise. Para o analista, não deixa de ser valioso que se lhe recorde constantemente não apenas aquilo que é devido a Freud, mas também o que devemos à coisa natural e universal que se chama brincar possui suas próprias dimensões e pode ser estudada (WINNICOTT, 1975, p. 69-70)

Se há um enriquecimento fundamental que a psicanálise winnicottiana trouxe para o campo do estudo sobre o desenvolvimento infantil, este fato reside justamente em seus estudos sobre a função do brincar na saúde mental das crianças. Para o autor, o brincar funciona de forma terapêutica e facilitadora no desenvolvimento em vários campos, não apenas no campo educacional e psicoterapêutico, mas como um recurso poderoso de remoção dos bloqueios do desenvolvimento da criança, contribuindo na diminuição da ansiedade, capacidade de aprendizagem e de organização mental, além de facilitar nos processos de socialização.

Além disso, Winnicott sustenta que a criatividade está associada diretamente à capacidade do indivíduo de brincar: “É no brincar, e somente no brincar sendo

criativo que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral” (WINNICOTT, 1975, p.89). A atividade criativa está diretamente ligada à busca e estruturação do próprio eu do indivíduo. Para o autor, todas as tentativas do bebê de brincar, utilizando inclusive os próprios excrementos, são uma forma em exercício seu potencial criativo e estruturação do seu self. É nesse sentido que o autor sustenta que um artista pode ser muito bem sucedido em termos artísticos, sendo, entretanto, um fracassado na busca pelo seu próprio self³:

O eu (self) realmente não pode ser encontrado no que é construído com produtos do corpo ou da mente, por valiosas que essas construções possam ser em termos de beleza, perícia e impacto. Se o artista através de qualquer forma de expressão está buscando o eu (self), então pode-se dizer que, com toda probabilidade, já existe um certo fracasso para esse artista no campo do viver geral criativo. A criação acabada nunca remedia a falta subjacente do sentimento do eu (self) (WINNICOTT, 1975, p. 90)

As contribuições dos estudos de Melanie Klein sobre a obra de Winnicott, sobretudo em seus estudos sobre o tema da criatividade, são claramente observáveis em relação à utilização de conceitos como impulsos agressivos e fantasias destrutivas do bebê direcionadas à figura materna, além dos conceitos de reparação e restituição⁴ do objeto. Entretanto, para Winnicott, tanto o trabalho do próprio Freud quanto o trabalho de Klein não encerram totalmente o tema, falando ao refugiarem-se na hereditariedade; tanto um quanto outro, segundo o autor, ignoraram deliberadamente o fator ambiental.

A concepção de “provisão ambiental suficientemente boa” na tenra infância foi proposta pela psicanálise winnicottiana como um dos fatores responsáveis pela saúde mental do bebê, sendo o comportamento antissocial um fator decorrente de uma falha neste sentido, vivenciada como traumática pelo bebê (WINNICOTT, 1975). O autor sustenta que o sentimento de bem estar e valor da vida está diretamente relacionado à qualidade e quantidade de provisões ambientais vivenciadas nas fases mais primitivas de seu desenvolvimento, assim como o sentimento de desvalorização e

³ Para Winnicott, no início do desenvolvimento do ego, haveria diferença entre o eu e o não-eu, em crescente integração até ser unificada em uma imagem acerca de si mesmo e do mundo exterior, denominada "self". O autor se refere a um self verdadeiro (imagem que o sujeito tem de si mesmo) e o self falso (visão que as pessoas que o rodeiam têm dele). (Zimerman, 2001)

⁴ Segundo Zimerman (2001) o termo "reparação" refere-se a um termo introduzido por M. Klein para designar uma tentativa de "conserto" a um suposto dano, na realidade ou na fantasia, que a criança acredita ter causado. Já o termo "restituição" consistiria na tentativa de devolver aquilo que foi usurpado.

de desprezo pela vida.

2.2. A Utilização do “Brincar” Como Instrumento na Clínica Psicanalítica com Crianças

Lima e Bernardi (2016) sustentam que é possível identificar no ato de brincar a expressão e diagnóstico de patologias, características saudáveis e dificuldades da criança, sendo um instrumento valioso de observação psicoterapêutica. Já Sousa *et al.* (2016), em artigo sobre a importância do brincar no desenvolvimento infantil - e baseados no trabalho de Winnicott e outros autores -, sustentam a criação de uma brinquedoteca no ambiente psicoterapêutico. Este recurso tem, segundo os autores, a função de fomentar a inteligência e a criatividade da criança, auxiliando-o na expressão de seu universo interno. “Pode-se dizer que a Brinquedoteca é um espaço que permite na contemporaneidade, o resgate em vivenciar o lúdico esquecido pelas pessoas, e negado às crianças” (SOUSA *et al.*, 2016, p. 4).

Kawagoe e Sonzogno (2006) apostam no *holding*⁵ e no *handling*⁶ como um incentivo na experiência positiva na relação da mãe (ou dos cuidadores) com o bebê. Este fator é fundamental, sobretudo na relação estabelecida com os bebês ou crianças em hospitais ou instituições de acolhida. As autoras ainda reforçam as contribuições da psicanálise winnicottiana no tocante à função do brincar como uma estratégia educacional para auxiliar a criança a lidar com a dolorosa experiência de separação vivenciada no ingresso ao maternal, permitindo que ela elabore de forma criativa o “corte saudável e necessário do ‘cordão umbilical simbólico’.” (KAWAGOE e SONZOGNO, 2006, p. 210).

Belo e Scodeler (2013) também colocam a questão do *holding*, *handling* - o *handling* e *holding* são compostos tanto pelo fator físico, quanto pelo psicológico - e apresentação do objeto, proposta por Winnicott, como forma adequada de apresentação da realidade ao bebê, fomentando um ambiente de sustentação

⁵ Conceito desenvolvido por Winnicott que envolve todas as particularidades dos cuidados maternos com o bebê, tais como acalantar, pegar no colo, acariciar, alimentar, etc.

⁶ termo derivado da palavra inglesa "mão", hand, e que se refere ao contato físico entre o bebê e o seu cuidador, envolvendo o manuseio corporal durante as atividades de suporte básico tais como trocas de fraldas, banho, amamentação, etc., contato este que auxilia o bebê a diferenciar o próprio Ego (eu) e a realidade externa.

gradual, sem precipitações e menos invasivo, diminuindo ao máximo a possível ocorrência de falhas na adaptação do bebê ao ambiente.

Fulgêncio (2008), promove uma diferença entre o uso da brincadeira por Melanie Klein e Winnicott, destacando a função socializante da teoria winnicottiana. O autor ressalta a importância do ato de brincar na infância como um suporte e referência para o que, no futuro, será compreendido como espaço da arte, religião, trabalho e a vida social adulta. Assim, sustenta que as condições ambientais no contexto psicoterapêutico deve permitir a livre expressão e comunicação da criança com o analista. Esta comunicação só se torna possível a partir do estabelecimento da confiança no ato de “brincar juntos”.

[...] Um analista que faça da análise a mera aplicação de uma técnica simplesmente impossibilita o contato e a intimidade nessa área da experiência compartilhada. Winnicott, nesse sentido, chega mesmo a dirigir um apelo aos terapeutas, na sua apresentação do brincar como uma necessidade na psicoterapia. [...] Até mesmo a questão da interpretação dos conteúdos inconscientes, parte fundamental do método psicanalítico, só poderá ter sentido se executada nessa área da comunicação e do brincar mútuos. Fora disso, ainda que possa ser correta no seu conteúdo, ela seria inútil e até mesmo nociva, porque invasiva. (FULGÊNCIO, 2008, p. 132)

Todos os autores reconhecem a importância da psicanálise winnicottiana nos primeiros anos de vida da criança e quanto o brincar se torna fundamental como instrumento de expressão e de superação das dificuldades e frustrações, bem como na construção da própria identidade e criação de laços sociais durante todo o processo do desenvolvimento.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma Pesquisa de Revisão Bibliográfica, uma modalidade de estudo que, segundo Sakamoto e Silveira (2014, destina-se a realizar um levantamento de referencial bibliográfico acerca de um tema específico, sobretudo em se tratando de estudos de natureza teórico, voltados para o esclarecimento de dados conceituais.

Este estudo contou com pesquisas de artigos pertinentes ao tema, disponibilizados em bibliotecas virtuais, tais como a Scielo, BVS-Saúde e o Google Acadêmico, além dos livros consultados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou fazer um levantamento das contribuições de Winnicott na clínica psicanalítica com crianças, sobretudo dos conhecimentos voltados para a importância da utilização do brinquedo e do ato de brincar no atendimento infantil.

O resultado deste levantamento foi a constatação da influência da obra do autor em diversas outras áreas de atuação, sendo utilizada como embasamento teórico nas práticas que lidam com o desenvolvimento físico e psicossocial da criança. O ato de brincar não apenas é apresentado como terapêutico em si mesmo, mas também como recurso básico na abordagem com crianças.

É importante ressaltar que o autor sofreu influências de autores como Freud e Melanie Klein no desenvolvimento de sua obra, mas não se ateve simplesmente na aplicação dos conceitos já consolidados, introduzindo novos conceitos que ampliaram a visão dos estudiosos interessados na aplicação destes conhecimentos em outras áreas, tais como na enfermagem, fisioterapia, pediatria, na área da aprendizagem, ente outras.

Assim, este estudo é uma contribuição às pesquisas já realizados sobre o tema, visando destacar a importância da obra de Winnicott na compreensão da estruturação psíquica humana e da psicanálise com crianças.

REFERÊNCIAS

BATESON, Patrick; MARTIN, Paul. **Play, Playfulness, Creativity and Innovation (Kindle Book Version)**. New-York, NY: Cambridge University Press, 2013

BELO, Fábio; SCODELER, Kátia. **A importância do brincar em Winnicott e Schiller**. Tempo Psicanalítico, v. 45, nº 1, p. 91-109, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v45n1/v45n1a07.pdf>>

CHEMAMA, Roland (org). **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREUD, Sigmund (1920). **Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos**. Obras Completas, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FULGENCIO, Leopoldo. **O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico**. Rev. Bras. de Psicanálise, v. 42, nº 1, p. 124-136, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v42n1/v42n1a13.pdf>>

KAWAGOE, Vanêssa R.P.; SONZOGNO, Maria C. **Uma investigação sobre o brincar de Winnicott, no tempo e no espaço da creche: contribuições da Psicanálise para a Educação**. Rev. Psicopedagogia, v. 23, nº 72, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000300003>

LEJARRAGA, A. L. **O amor em Winnicott**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

LIMA, Jenniffer H. C A. de; BERNARDI, Aline B. **O Brincar como um Recurso Terapêutico para Crianças em Saúde Mental**. UNIDAVI, 2016. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Jennifer-Haranda-Colombo-Antunes-de-Lima.pdf>>

SAKAMOTO, Cleusa K.; SILVEIRA, Isabel O. **Como Fazer Projetos de Iniciação Científica**. São Paulo: Paulus, 2014.

SIQUEIRA, Isabelle B; WIGGERS, Ingrid D., e; SOUZA, Valéria P. de. **O brincar na escola: a relação entre o lúdico e a mídia no universo infantil**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, v. 34, nº 2, p. 313-326, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/TSY4HK3cjTTzVDjvjnygdkt/abstract/?lang=pt>

SOUSA, Kessila Q.; SANTOS, Kalline P.; GAMA, Laíra B. **A Importância do Brincar para o Desenvolvimento Infantil**. Anais do Enfope, no 9, 2016. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/2035>>

WINNICOTT, Donald W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZIMERMAN, David E. **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2008.